



CARTA DO

GENERAL PINTO SOARES

Durante a manhã de quinta-feira (dia da entrega do «Documento dos 9» ao Sr. Presidente da República) veio a minha casa o Cap. Vasco Lourenço após um telefonema que me fizera, referindo ter algo para me dizer. Ali, apresentou-me o documento (exemplar n.º 10) dizendo-me em ideias gerais o que se pretendia com o mesmo. Lio-o. De seguida dei-lhe conhecimento da minha decisão, lendo-lhe os documentos que acima transcrevo. Ainda Vasco Lourenço me elucidou sobre quem tinha sido contactado ao nível do CR e qual a tática a seguir na circulação, para recolha de assinaturas. Foram curtas as nossas palavras mas sinceras. Havia um longo compromisso entre ambos que datava dos primórdios da preparação do 25 de Abril, que se enraizou na prisão da Trafaria e que, não obstante no momento actual haveria algumas divergências, espero prossiga. Por isso, ele me informou da ocorrência e também por isso lhe disse da minha **decisão de não subscrever aquele documento**. Foi efectivamente curto o encontro.

Poderia por aqui ficar, mas desejo marcar melhor a minha posição. Terei que considerar como questões de fundo dois aspectos. Em primeiro lugar a forma e a metodologia escolhida pelos meus 9 camaradas, que entendo desleal e divisionista.

Acaso não terão como certeza o profundo desequilíbrio que vieram fomentar nas Forças Armadas e no País?

Não lhes ocorreria, como me ocorre, que não tinham esgotado as suas reais possibilidades de diálogo e argumentação política no seio das discussões do CR?

Não o fará por certo, mas se Vasco Gonçalves resolvesse rebater o documento (contando talvez o que sabe contar...) e o enviasse às unidades, que adesão teria? Que adviria daí?

Será que ainda temos tantas disponibilidades dentro do MFA que nos possamos dar ao luxo de o dividir neste momento, metendo no seu seio uma CUNHA chamada «Documento Melo Antunes ou dos 9»?

Que advirá ao nível do órgão militar principal da Revolução, com a separação dos militares que são, entre outros, os mais «puros e devotados» obreiros do 25 de Abril?

Aguardar que agora os 9 surpreendam o País com novo golpe?

Alhearem-se do processo, privando-o do inegável contributo que lhe terão ainda que dar?

Como iremos viver em ambiente de permanente suspeita dentro das unidades militares?

No 11 de Março quase tudo foi claro. Teriam de se separar do processo aqueles que sabíamos o que do 25 de Abril esperavam.

Mas, já assim, esse 11 de Março, digamo-lo abertamente, traz em situação de aguardar julgamento, alguns camaradas que muitos de nós pensamos estarem inocentes. E sabemos o ambiente que tal tem criado desde então.

O segundo aspecto de fundo é o conteúdo do documento que se divide numa crua análise à situação presente e num enunciado ideológico-político «única via de salvação para o país socialista que se pretende e da pureza do 25 de Abril»...

Terei que, nestes seus dois aspectos o considerar demagógico. A fazê-lo, esperava que os meus camaradas tivessem sido objectivos nas suas acusações e que até tivessem tido a honestidade de referir que algumas das análises realistas (diga-se de passagem) que fazem, já tinham sido ouvidas ao camarada que desejam atingir: o Gen. Vasco Gonçalves. Também importa aqui salientar que falar da equipa dirigente nos moldes em que o documento o faz referindo até a manifesta incapacidade governativa, atinge-nos a todos, os do CR. Não deixa nenhum dos 9 de fora. Antes pelo contrário, alguns deles bem mais dentro... que outros.

Quanto ao projecto político, «enunciado vago de princípios tentadores», conheço-o há largos meses. O seu autor, ou no mínimo, o seu «metodólogo», sabe bem quanto lhe sugeri que o objectivasse e concretizasse. É que entre as várias «Leituras» daquele projecto, poderíamos encontrar algumas iguais às que temos ouvido a políticos, **ávidos do poder** e a quem, sejamos francos, todos nós (recordo alguns dos 9) tantas vezes alçamos de falsos socialistas.

Não está em minha mente que os meus 9 camaradas não defendam o socialismo, mas repito, está sim em causa a forma fácil como, desta maneira, se conseguem assinaturas. E, afinal, volto a dizê-lo, para de imediato se ter conseguido que este «Pobre Povo» (já muito intoxicado de papéis e verbalismos) se veja agora a braços com «Novas dúvidas de papel» e que desta vez, o que é mais grave, lhe são lançadas por indiscutíveis oficiais do «MFA GENUÍNO».

Tenho que necessariamente deixar duas palavras ao Gen. Vasco Gonçalves. Conheci-o como Comandante do Agrupamento de Eng.º em Angola. Era todo um território vastíssimo e 3000 homens para comandar. E tudo aquilo era guerra.

E na guerra quando se descobre num comandante, honestidade, lealdade, fervor patriótico e elevada cultura, não se deve ficar indiferente.

Já depois em Lisboa, procurado, aderiu à preparação do 25 de Abril. Alguns dos meus 9 camaradas poderão na minha vez referir a importância dum coronel que se arrisca a encorajar com a sua presença e ensinamentos os tais capitães de então.

Foi para o Governo após Palma Carlos e nunca nos «largou». Diga-se que ele mesmo incentivou os «encontros de crítica e auto-crítica». Nunca quiz ser o «Senhor da Revolução». Curiosamente destacou Melo Antunes para sua ligação com a Comissão Coordenadora. Sugeitou-se não poucas vezes, às decisões da então «CCP». Os seus erros terão que estar ligados aos nossos. E ainda insisto, por exemplo, em salientar, que alguns dos 9 camaradas, senão todos, melhor do que eu poderão dizer, quem papel histórico mais importante desempenhou perante Spínola? Ou talvez «este» nos diga, se entretanto aí voltar...

«Meu General», sabe bem quanto por vezes estive em desacordo consigo, mas nunca o direi na hora da verdade. Se o Povo (este nunca será por certo) ou algum PINOCHET o sentar no Banco dos Réus, poderá olhar para o lado pois terá o conforto de lá me encontrar. Dividirei consigo e com quem mais estiver disposto (haverá de certeza), os erros que o documento dos «9» cruelmente lhe aponta.

Camaradas das Forças Armadas, mantenhamos a nossa «lealdade» e «honestidade» e ficará garantida a nossa «Unidade». Estou certo que todos juntos (também o 1.º Ministro e os corajosos Ministros que na hora difícil o acompanham) saberemos aproveitar as sugestões do «Documento dos 9» e eliminar as divisões que, sem querer, (ainda acredito), os nossos camaradas provocaram.

Camaradas, estive, com os futuros oficiais do Exército e Força Aérea, todos juntos com o Povo do distrito da Guarda.

É verdade que o Povo está envenenado (graças à reacção e não só...) e no momento, descrente da Revolução e do MFA. Mas, acreditem, é em «nós» que vêm a última esperança. Falámos-lhe com verdade e sem incutir grandes esperanças a curto prazo.

A resposta foi de inequívoca confiança no «MFA».

Duarte Nuno Pinto Soares

(Extraído de «República» de 11-8-75)

